

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

Josiete Silva dos Santos

**PROJETO GINCANA AVALIATIVA- INTERVENÇÃO PARA TRABALHAR A
DISCIPLINA DOS ESTUDANTES**

Belo Horizonte

2015

Josiete Silva dos Santos

**PROJETO GINCANA AVALIATIVA- INTERVENÇÃO PARA TRABALHAR A
DISCIPLINA DOS ESTUDANTES**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Processos de Aprendizagem e ensino na Educação Básica, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Maria Alice Moreira Lima

Belo Horizonte

2015

Josiete Silva dos Santos

**PROJETO GINCANA AVALIATIVA- INTERVENÇÃO PARA TRABALHAR A
DISCIPLINA DOS ESTUDANTES**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Processos de Aprendizagem e Ensino na Educação Básica, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Maria Alice Moreira Lima

Aprovado em 9 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Maria Alice Moreira Lima – Faculdade de Educação da UFMG

Prof. Gilmar Moura da Silva – Mestre em Educação pela UFMG

RESUMO

A indisciplina está sendo apontada em várias pesquisas como um dos maiores problemas enfrentados pelos professores na atualidade. Este trabalho apresenta um projeto denominado Gincana Avaliativa que aborda, através de um sistema de pontos e prêmios, questões ligadas a disciplina no cumprimento das atividades propostas em sala de aula e também das regras presentes no ambiente escolar. Essa prática pedagógica está sendo aplicada desde o ano de 2005 na regência de turmas do 1º e 2º ciclos. No caso dessa pesquisa, por amostragem, foram observados os alunos do 4º ano do 2º ciclo da Escola Municipal Padre Edeimar Massote. As observações e questionários aplicados aos alunos foram os instrumentos utilizados para se chegar aos resultados dessa experiência. Foi concluído que a Gincana Avaliativa funciona como uma boa metodologia para o trabalho com a disciplina por promover, de fato, mudanças significativas.

Os resultados mais importantes desse projeto são percebidos na melhoria da aprendizagem, pois o mesmo acaba proporcionando um espaço propício para o melhor desenvolvimento cognitivo dos alunos por permitir que o espaço e o tempo da sala de aula sejam mais aproveitados.

Palavras-chave: disciplina, experiência, gincana avaliativa, sala de aula, regras, metodologia, aprendizagem.

SUMÁRIO

1. Introdução -----	06
2. Caracterização e análise da escola pesquisada -----	10
3. Como funciona a gincana avaliativa / Metodologia do projeto -----	13
4. Resultados da gincana avaliativa -----	18
5. Reflexões teóricas -----	23
6. Considerações finais -----	25
7. Referências -----	27

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho relata a experiência de um projeto elaborado por mim desde o ano de dois mil e cinco denominado “Gincana Avaliativa”. Apresenta também algumas observações e análises realizadas com os alunos das turmas do quarto ano do segundo ciclo da Escola Padre Edeimar Massote da Rede Municipal de Belo Horizonte no ano letivo de 2014.

Esse estudo apresenta, inicialmente, um panorama do perfil da escola pesquisada e uma explicação da metodologia e dos procedimentos dessa gincana e sua aplicação prática em sala de aula. Também apresenta algumas reflexões a respeito das intervenções realizadas em prol da manutenção da disciplina dos estudantes, a fim de promover um ambiente mais participativo onde possa se estabelecer combinados que auxiliem nas questões disciplinares de comportamento.

Seu foco principal está no incentivo a participação nas aulas através das atividades propostas em sala aula e no cumprimento das regras e combinados construídos através da interação entre os alunos a medida que os conflitos em relação a disciplina vão surgindo.

Ao longo de minha carreira como regente de classe sempre me incomodei com o fato de a indisciplina de alguns estudantes interferirem no ambiente escolar de maneira a dificultar o relacionamento entre os integrantes da comunidade escolar, sejam eles alunos, professores, coordenadores, diretores, pais, e entre outros que a compõem. O estresse gerado pelas atitudes indisciplinadas por parte de uma parcela desses estudantes, muitas vezes, gera, em professores e gestores educacionais, atitudes e posturas autoritárias. Na maioria das vezes as regras estabelecidas são impostas sem discussão, o que gera muitos desgastes nas relações dentro e fora da sala de aula e conseqüentemente em todo ambiente escolar.

Através de um questionário aplicado nos estudantes para os quais lecionei foram analisadas questões relacionadas com as punições e sansões mais comuns aplicadas por professores e coordenações confirmando que algumas práticas se utilizam quase sempre do mesmo recurso e raramente são discutidas com todos os membros que compõem a comunidade escolar envolvida. É curioso perceber durante a análise dos dados, que os próprios estudantes propõem punições autoritárias reforçando posturas bem rígidas em relação aos

colegas indisciplinados estabelecendo castigos intransigentes como os melhores caminhos para a promoção da ordem. Em relação a esses resultados será proposta uma discussão e questionamentos sobre as regras estabelecidas nessas escolas que ao invés de promoverem uma disciplina voltada para autonomia, acaba consolidando atitudes e providências que não geram discussões, muito menos mudanças de comportamento. Atitudes essas que acabam por promover um ambiente escolar cada vez mais hostil que não constrói regras capazes de minimizar os problemas relacionados à indisciplina. Lúcia Maria Teixeira Furlani afirma que:

...seria necessário primeiro que o professor se interessasse em conhecer o aluno, ouvi-lo, aproveitando sua experiência de vida, partindo de pontos que o aluno já domina. Se, no entanto, o professor evita qualquer mudança, decorrente da possível contribuição que o aluno poderá trazer para o desenvolvimento do conteúdo (porque esta contribuição pode ser vista como uma sobrecarga a um professor já sobrecarregado), ele pode voltar seus esforços apenas para que o aluno faz de errado, visando controlá-lo, o que acaba comprometendo a aprendizagem. (FURLANI, 1987, ps. 45 e 46).

É interessante olhar para trás e perceber o quanto é importante a experiência profissional. Aos 15 anos de idade, quando iniciei o curso técnico de magistério não imaginava o quanto era possível mudar nas metodologias de ensino. A sala de aula, naquela época, era idealizada. Os projetos pensados por nós estudantes eram magníficos aos nossos olhos. As aulas muito bem elaboradas e planejadas para crianças imaginárias e escolas de faz de conta. Quando se põem os pés em uma instituição escolar real e em uma sala de aula concreta é que se tem a dimensão dos desafios existentes dentro daquelas paredes.

Sempre ouvi dizer que um bom professor é aquele que tem o domínio da classe, que apresenta um manejo da turma que o permite ensinar e que promove a aprendizagem de seus alunos. Concordo em parte com essa ideia por perceber, após alguns anos de experiência na regência das turmas, que dominar algumas situações ligadas à disciplina que se apresentam como desafios da sala de aula são fundamentais para a construção de um ambiente mais propício à aprendizagem. É nesse sentido que nasceu a ideia do desenvolvimento de um projeto que fosse capaz de amenizar os problemas causados pela indisciplina de

alguns alunos e ao mesmo tempo garantir a aprendizagem de todos. O projeto “Gincana Avaliativa” surgiu na tentativa de aliviar um incômodo em relação às posturas autoritárias adotadas por mim afim de sanar problemas ligados à indisciplina. Essas posturas estavam em desacordo com o que no fundo eu acreditava enquanto professora. Vi minha carreira ameaçada por problemas constantes de voz, um desconforto na região do pescoço causado pela tensão que sentia toda vez que me deparava com atitudes, julgadas por mim, como indisciplinadas.

Muitas vezes sentia-me perdida em meio a um desejo louco de dominar o espaço da sala de aula em que os alunos deveriam ficar a maior parte do tempo calados fazendo suas atividades individualmente e sem muita conversa. Minha presença ali servia para manter a ordem e transmitir todos aqueles conteúdos de um currículo, que mesmo questionado por mim, deveria ser cumprido em sua totalidade de forma bem planejada e sistematizada e de acordo com os parâmetros da rede de ensino. As gestões escolares com as quais eu trabalhei me consideravam uma excelente profissional devido a esse perfil de general alimentando, portanto, ainda mais, minha obsessão pelo chamado “manejo de classe” idealizado por mim desde o curso de magistério.

O incômodo causado pelo perfil de domínio das classes e o que ele trazia de desgastes na minha vida profissional me fez repensar várias posturas e concepções do que seria disciplina. Comecei a perceber que mal ouvia as pessoas a minha volta e muitas vezes nem eu mesma. O pior de tudo é que eu não parava para escutar os estudantes por julgar que eles não tinham nada a contribuir nesse processo de busca de uma postura adequada na resolução das questões ligadas a disciplina. Segundo FURLANI (1987), o controle do tempo de intervenção com o aluno continua com o professor, mas existe a disposição em investi-lo em interação potencialmente positiva, já que esta visão não subestima a autoridade que permeia a relação professor-aluno, mas a vê numa perspectiva diferente da concepção de controle, possibilitando o exercício conjunto de poder.

Nesse processo de reconstrução a graduação foi fundamental, pois me ofereceu instrumentos teóricos importantes para o esclarecimento de questões fundamentais em relação aos processos humanos envolvidos na relação professor - aluno e como era possível construir instrumentos metodológicos capazes de amenizar alguns desafios ligados a disciplina dos estudantes.

Através das teorias, das trocas de experiência, de dados de pesquisas realizadas com a temática da disciplina, comecei a refletir sobre o que estava por trás das práticas desenvolvidas em sala de aula por mim. Comecei questionando os objetivos que eu alcançaria permanecendo naquela postura autoritária. A refletir sobre o que seria essencial para a garantia da aprendizagem dos alunos. Seria mesmo necessária a escuta do que o aluno trazia? Era possível discutir sobre em que o currículo praticado na escola se baseava? A custo de quantos erros mais eu continuaria com o manejo de classe idealizado por mim desde o início da carreira?

Nesse sentido, o projeto da gincana avaliativa foi elaborado como uma metodologia voltada para o trabalho de intervenção em relação à disciplina dos estudantes com o objetivo de garantir um ambiente na sala de aula capaz de promover a aprendizagem dos alunos em um processo mais autônomo. Minha experiência como professora regente apresenta um “divisor de águas”- antes e depois da Gincana avaliativa. Digo divisor de águas, pois, ao longo do meu tempo de magistério, minhas práticas pedagógicas, o manejo das turmas em que lecionei, mostram um salto positivo na relação estabelecida entre eu e meus alunos. Essa pesquisa - intervenção terá como objetivo avaliar o projeto “Gincana Avaliativa” no que se refere aos seus efeitos na disciplina e aprendizagem dos estudantes e também analisar criticamente essa prática, suas contradições e possíveis mudanças para aprimorá-la.

Apresentarei nesse trabalho a caracterização da escola pesquisada, apesar de trazer também alguns dados de escolas em que lecionei nesses dez anos de aplicação da gincana avaliativa.

O funcionamento do projeto será explicado e a metodologia utilizada na dinâmica da gincana avaliativa será colocada de forma a esclarecer seu funcionamento na prática.

O trabalho contará com um capítulo dedicado aos resultados da gincana em relação a minha experiência na aplicação da mesma de forma a checar sua eficácia no trabalho relacionado à disciplina.

Nas reflexões teóricas estará presente parte da teoria do desenvolvimento moral na perspectiva construtivista de Jean Piaget e suas contribuições para o estudo e discussão na construção da autonomia.

2. Caracterização e análise da escola pesquisada

* Rede Municipal de Belo Horizonte: Escola Padre Edeimar Massote

A escola está localizada na regional Noroeste da cidade. Têm matriculados cerca de 1.000 alunos distribuídos em três turnos, sendo que o matutino atende dezoito turmas do terceiro ciclo – 12 a 14 anos - com média de trinta alunos por turma; o vespertino dezesseis turmas de primeiro e segundo ciclos – 06 a 11 anos - com trinta alunos em média por turma; e o noturno cinco turmas de educação de jovens e adultos – EJA – com média de vinte alunos frequentes. Além de ter acoplada a si uma unidade de educação infantil – UMEI Coqueiros – que atende crianças de zero a cinco anos.

A instituição oferece alguns projetos à comunidade como: a Escola Integrada; PEA- Escola Aberta; Educação para a paz; Escola nas Férias e PIP- Projeto de Intervenção Pedagógica.

Quanto a gestão, a escola está sob intervenção da Secretaria Municipal de Educação- SMED- desde o início do ano letivo de 2014, devido a problemas com a gestão anterior. Apresenta um grande número de profissionais da educação entre eles professores, coordenadores, agentes de serviço e auxiliares de inclusão escolar, contratados pelo Caixa Escolar da unidade, além dos funcionários que cuidam da segurança da instituição e os funcionários que dão suporte técnico, como os auxiliares de secretaria e biblioteca.

Ouvindo alguns relatos de membros da comunidade escolar, entre eles professores e pais, através de reuniões, assembleias e conselhos, percebi que a escola Padre Edeimar Massote já foi considerada outrora uma das melhores da região, porém passa, a algum tempo, cerca de seis anos, por dificuldades devido à violência (muitos casos de problemas disciplinares e questões relacionadas ao tráfico de drogas no entorno da escola), e a promoção automática dos estudantes dentro dos ciclos, pois os alunos só podem ser retidos uma vez ao final de cada ciclo, o que gera em alguns profissionais e pais, desconfiança a cerca da aprendizagem. Para alguns profissionais da escola, principalmente os que lecionam no turno da manhã, o fato de a mesma se encontrar num processo de intervenção por parte da SMED também se torna um

problema devido a falta de espaços para a discussão de pontos relevantes a cerca das decisões administrativas e pedagógicas presentes no cotidiano escolar, como por exemplos espaços para debate de ideias em relação as lutas da categoria pela carreira, valorização dos profissionais e qualidade da educação pública. Essa questão fica clara quando se verifica que a escola não participou do processo de consulta a comunidade para eleição dos dirigentes escolares realizada ao final do ano letivo de 2014. Considero essa análise relevante por ter tido muita dificuldade de adaptação a essa escola, devido aos sérios problemas de disciplina observados nas turmas com as quais eu trabalhei causados, muitas vezes, pela falta de uma organização que proporcionasse espaços para discussão de estratégias na busca de soluções coletivas a cerca dos problemas gerados por essa questão.

Havia também um desencontro, no caso da minha equipe de trabalho, pois eu nunca conseguia me encontrar com as professoras-referência das turmas do quarto ano por sermos apenas três e uma cobrir o horário de planejamento uma da outra. A gincana avaliativa proposta por mim aos alunos com os quais eu trabalhei não foi compartilhada como uma experiência de intervenção no trabalho com a disciplina para as professoras que também passavam pelas turmas e pela coordenação pedagógica. Esse projeto ficou restrito somente as minhas aulas por não haver tempo, nem espaços para discussão e trocas de experiências, tão importantes na construção e manutenção de regras presentes no ambiente escolar. Paulo Freire afirma:

O diálogo é o encontro entre os homens, mediados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial. (FREIRE, 1980, p.42).

O projeto foi proposto para as duas turmas do quarto ano do ciclo do turno vespertino, a partir do segundo semestre do ano letivo de 2014. Nessas turmas eu lecionava os conteúdos de Ciências, Geografia e História, portanto não era a professora referência, mas sim considerada uma espécie de professora de conteúdos específicos que passava nas turmas de uma a duas horas por dia.

O perfil das turmas era bem parecido: alunos participativos, a maioria bem interessados nas aulas. Dos cinquenta alunos pesquisados, 90% das crianças apresentavam um desenvolvimento cognitivo esperado em relação ao currículo e avaliações feitas pelos profissionais da escola, apenas 10% não apresentava um desempenho satisfatório, pois ainda não dominavam as competências em relação a leitura e escrita esperadas nessa faixa etária do ciclo.

Em relação à disciplina os estudantes apresentavam um comportamento estável. A maioria organizava bem os cadernos, realizava e registrava as atividades propostas, participavam das aulas de forma a contribuir com a fixação dos conteúdos, comportavam-se como grupo, apesar de alguns alunos se destoarem da maioria com atitudes desrespeitosas em relação aos colegas e não registravam as atividades de forma satisfatória. Aqui se destacam novamente os alunos referentes aos 10% com dificuldades cognitivas e de aprendizagem. Não é objetivo desse trabalho discutir sobre os problemas de aprendizagem, porém vale a pena observar que, na maioria dos casos, os estudantes que apresentam problemas de disciplina são os mesmos que se destacam em relação as dificuldades de aprendizagem.

Portanto, as turmas mostraram-se receptivas ao projeto e a maioria participou ativamente.

3. Como funciona a Gincana Avaliativa – Metodologia do projeto

O projeto normalmente é exposto para as turmas no início do ano letivo e apresenta duas etapas: a primeira no primeiro semestre e a segunda no segundo semestre do ano corrente. No caso das turmas pesquisadas a gincana foi iniciada no segundo semestre porque no primeiro eu estava lecionando em outra escola da Rede Municipal.

A princípio é apresentado aos alunos o sistema de pontos e cores referentes à gincana:

TABELA 1

Sistema de cores e pontos da Gincana Avaliativa

COR	VALORES	AValiação
Azul	10 Pontos	Parabéns! 100% a 75% de tarefas realizadas.
Verde	07 Pontos	Ótimo! 74% a 50% de tarefas realizadas.
Vermelho	04 Pontos	Regular! Tarefas realizadas abaixo de 49%.

É interessante ressaltar que o valor zero não é considerado no sistema de pontuação da gincana porque, na maioria das vezes, o mesmo é associado, dentro da cultura escolar, ao fracasso. Esse projeto não tem por objetivo destacar as possíveis falhas cometidas pelos estudantes, mas sim, valorizar seus progressos e avanços.

Os valores DEZ, SETE, e QUATRO têm como média a proporção três, pois dessa forma a pontuação fica mais equilibrada e proporciona a possibilidade de o aluno recuperar-se.

Esse sistema de pontuação é apresentado aos estudantes através de um cartaz que fica afixado na sala de aula de forma permanente. Após a apresentação do cartaz são esclarecidos aos estudantes os critérios utilizados para pontuar as atividades. Os objetivos do projeto também são expostos de forma a deixar claro o funcionamento da gincana avaliativa e seus possíveis desdobramentos, já que se trata de um projeto flexível às mudanças, desde que

estas sejam julgadas pertinentes, tanto pela equipe pedagógica e gestora, quanto aos alunos e seus familiares.

Nesse ponto é esclarecido aos alunos que o cálculo das porcentagens será sempre explicado para eles. Normalmente, antes da explicação sobre o cálculo de porcentagem é planejada uma aula que utilizará materiais concretos. Como, por exemplo, a receita culinária de um bolo retangular que será dividido em partes iguais no tabuleiro indicando o todo e, a partir dessa imagem, os alunos são levados a refletir nas várias maneiras e possibilidades de se calcular as porcentagens presentes naquelas frações.

Nas turmas em que foi feita a intervenção para esse projeto, as aulas planejadas usaram, respectivamente: A) massinhas de modelar e palitos de madeira - os alunos modelaram retângulos e os mesmos foram sendo divididos em partes iguais e as várias possibilidades de cálculo de porcentagens foram surgindo; B) a observação das janelas da escola, suas semelhanças e diferenças e, a partir daí, os estudantes fizeram cálculos de porcentagem em relação às frações representados pelas janelas do prédio da instituição. É importante que o planejamento da aula sobre porcentagem leve em consideração a faixa etária dos estudantes e o uso de material concreto por facilitar a compreensão, pois se trata de um conteúdo abstrato para a maioria das crianças.

As famílias dos estudantes ficam a par desse projeto desde o início. Após a explicação aos alunos em sala de aula de como funcionará a gincana avaliativa, os mesmos recebem um folheto explicativo com todas as informações sobre o projeto e um bilhete onde a família será convidada a ler e assinar para confirmar que estará ciente do trabalho que será realizado. Os pais e ou responsáveis que por ventura apresentarem dúvidas em relação ao projeto são esclarecidos que podem procurar a equipe pedagógica da escola e ou a professora para que possam saná-las. Geralmente a resposta das famílias é positiva, pois a gincana avaliativa funciona como uma forma de monitoramento, já que os pais ou responsáveis ficam informados que o registro da pontuação presente no quadro do projeto, também é registrado no caderno ficando cientes da pontuação da semana.

Após a explicação da gincana avaliativa, os alunos começam a vivê-la na prática. Todas as segundas-feiras os estudantes começam a semana com a pontuação máxima (Cor: AZUL – Pontuação: 10) na medida em que a semana vai se desenvolvendo o aluno, ou mantém a nota máxima, ou vai perdendo a pontuação conforme seu desempenho durante a mesma.

Os aspectos avaliados durante a semana são basicamente: participação nas aulas, registros nos cadernos e atividades e o cumprimento de regras e combinados construídos em sala de aula. Nas turmas do Segundo Ciclo é proposto aos estudantes que as avaliações escritas, como as provas, por exemplo, sejam consideradas e convertam-se em pontuação na gincana avaliativa. Nesse caso, a porcentagem usada no quadro de pontos será adaptada considerando o valor total das provas e ou atividades que tenham o cunho de avaliar o desempenho cognitivo dos alunos. Por exemplo: o estudante que tirar os conceitos A ou B na prova escrita receberá a cor AZUL- valor DEZ; aquele que tirar o conceito C receberá a cor VERDE- valor SETE; o que tirar os conceitos D ou E receberá a cor VERMELHA- valor QUATRO.

É importante ressaltar que, durante esses quase dez anos de trabalho com a gincana avaliativa, em todas as turmas onde foi aceita a proposta da conversão de pontos das avaliações escritas para a pontuação da gincana avaliativa, os resultados foram positivos e geraram nos alunos grande expectativa em relação ao desempenho nas provas aumentando a preocupação em relação aos estudos dos conteúdos a serem avaliados.

Durante a semana as atividades vão sendo avaliadas, mas é na sexta-feira que essa avaliação é convertida em pontos e a cor que eles representam. Através dos cadernos corrigidos e do quadro fixado na sala de aula o aluno tem acesso a sua pontuação da semana. No caderno o estudante recebe um adesivo de incentivo e é registrada a nota da semana. O registro no caderno é importante, pois é assim que os pais também têm acesso a pontuação de seu filho e podem acompanhar semanalmente como foi seu desempenho na gincana. A pontuação vai sendo registrada semanalmente no quadro de pontos que, ao final do semestre, é somada e apresenta aos alunos para que possam ser premiados conforme a cor que conquistaram.

A premiação é feita conforme o quadro a seguir:

TABELA 2

Quadro para referendar a premiação da Gincana Avaliativa

COR	AVALIAÇÃO
AZUL	100% A 79% dos pontos distribuídos
VERDE	78% a 50% dos pontos distribuídos
VERMELHO	Abaixo de 49% dos pontos distribuídos

Quanto a premiação, considera-se a cor que o estudante conquistou. Os prêmios são diferenciados. Para cada cor há um tipo de premiação, graduando, portanto, o desempenho do aluno durante o semestre avaliado. Normalmente os prêmios são objetos ligados ao cotidiano escolar, como materiais escolares, que são incrementados com guloseimas. Também são oferecidas aos alunos medalhas de ouro, prata e bronze e trabalhos artesanais personalizados.

Após a divulgação dos resultados é construído com a turma avaliada um quadro e também um gráfico contendo as porcentagens conquistadas pela mesma de um modo geral. Esse material é apresentado e explicado na reunião de pais, pois assim todos têm a oportunidade de analisar o projeto para posteriormente avaliá-lo. É interessante que se faça uma conversação com os estudantes para a avaliação daquela etapa da gincana avaliativa. São levantadas sugestões de mudanças que se forem avaliadas pela maioria como necessárias serão adaptadas ao cotidiano escolar. Por exemplo, uma turma do quarto ano do ciclo da escola da rede municipal de Belo Horizonte Dulce Maria Homem, onde lecionei de 2009 a 2014, propôs que os alunos que não estivessem respeitando os combinados e regras propostas por eles mesmos fossem punidos com a perda de pontos. Já na rede municipal de Betim escola Geferson Ventura de Souza, onde trabalho na regência de classe desde 2003, duas turmas do quinto ano do ciclo propuseram que as duplas de trabalho (os alunos estavam organizados em duplas) fossem avaliadas e pontuadas ao final da segunda etapa da gincana, nesse caso considerando-se a participação e a disciplina durante as aulas.

Ao iniciar a segunda etapa da gincana avaliativa, toda a pontuação é zerada e outro cartaz é confeccionado, pois todo o processo inicia-se novamente. As sugestões feitas vão sendo incorporadas. Sempre que são necessárias modificações nos aspectos a serem avaliados as discussões são retomadas, mesmo porque faz parte de um dos objetivos do projeto a participação dos estudantes a cerca da construção e manutenção de regras e combinados. Isso é possível devido ao caráter da metodologia utilizada na gincana que se propõem dinâmica e, portanto, passível de modificações e adaptações já que seu foco principal é o de trabalhar a disciplina dos alunos em sala de aula a fim de promover um ambiente em que a aprendizagem aconteça.

4. Resultados da gincana avaliativa

Primeiro farei o relato de como a gincana avaliativa apresentou bons resultados na escola em que eu estava lecionando como professora referência na rede municipal de Belo Horizonte no início de 2014 chamada Dulce Maria Homem, localizada na regional Barreiro, em uma turma do quinto ano do ciclo. Nessa escola, logo no início do ano, foi proposta por mim, a continuação da gincana avaliativa, já que no ano anterior de 2013 essa turma já tinha vivido a experiência do projeto e o mesmo apresentou ótimo resultado em relação à disciplina de alguns alunos que apresentavam sérios problemas de comportamento. Inclusive, alguns com diagnóstico de TDAH e uma aluna que, além desse transtorno, apresentava Distúrbio Bipolar, sendo que a mesma contava com o apoio de uma auxiliar de inclusão e fazia uso de medicamentos.

O diagnóstico de TDAH e transtorno bipolar da aluna foram feitos em meados de 2011 quando a estudante completava sete anos de idade e cursava o segundo ano do ensino fundamental. A estudante apresentava muita dificuldade em: perceber nos professores e demais funcionários da escola, figura de autoridade; concentrar-se nas atividades propostas; relacionar-se sem agressividade com os colegas de turma e da escola de modo geral; cumprir regras e respeitar professores, colegas e demais funcionários da escola.

Hoje, depois das leituras dos textos da professora Leonor Bezerra Guerra, bacharel em Medicina, Mestre em Filosofia, Doutora em Morfologia pela UFMG, e suas aulas sobre a neurociência entendo como o ambiente aliado a estímulos ambientais, via sensoriais e interação são fundamentais para que os processamentos neuronais do sistema nervoso sejam desenvolvidos de maneira que o indivíduo cresça e desenvolva suas potencialidades. Segundo Guerra (2011), diversos aspectos, como boa saúde, ambiente familiar, estímulos nas primeiras fases da vida da criança, relações sociais, contexto da escola e até as políticas públicas de educação fazem diferença e intervêm na aprendizagem.

Quando a aluna era orientada quanto às atividades e posturas no dia a dia na escola e era incentivada a conquistar a cor azul da gincana avaliativa ela demonstrava que estava motivada em empenhar-se para chegar aos objetivos que pretendia alcançar. Começou então apresentar menos agitação e estava se

relacionando melhor com os colegas e funcionários da instituição, pois já era capaz de dialogar sem brigas e agressões. Na sala de aula começou a participar mais efetivamente das atividades realizando os exercícios propostos com maior concentração.

Apesar de todas as dificuldades e desafios a estudante apresentava avanços mostrando que, no caso dela, a motivação e incentivo estavam sendo fundamentais para o seu desenvolvimento.

Gostaria de ressaltar que o caso dessa aluna, em especial, me fez pensar que esse projeto da gincana avaliativa é uma metodologia que interfere positivamente no comportamento dos alunos por incentivá-los, na maioria dos casos, a conquistar o prêmio máximo. E é por essa razão que escolhi esse tema para o trabalho da conclusão da Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica do LASEB-UFMG, por considerá-lo um ótimo instrumento para o trabalho com a disciplina em sala de aula.

Os resultados mais relevantes que observei ao longo dessa experiência com a gincana avaliativa são justamente em relação aos alunos que apresentavam problemas no cumprimento das tarefas propostas e das regras e combinados estabelecidos em sala de aula. A grande parte desses estudantes é muito competitiva e o projeto acaba incentivando e oferecendo a eles um desafio, ocasionando assim, uma mudança positiva importante na disciplina dos mesmos.

Nas turmas do quarto ano da escola municipal Padre Edeimar Massote pesquisadas, na qual lecionei no ano de 2014, a gincana foi fundamental para que eu pudesse me organizar e conseguir que as turmas adquirissem um bom ritmo de trabalho.

A resposta dos estudantes ao projeto gincana avaliativa foi muito positiva. Houve desde o início um empenho da maior parte dos alunos em cumprir os combinados estabelecidos em sala de aula e no cumprimento das tarefas propostas.

Alguns alunos passaram a organizar melhor os registros das atividades nos cadernos para garantir a melhor pontuação. O fato de corrigir os cadernos às sextas-feiras fez com que muitas crianças se interessassem mais pelas aulas que começaram a ficar mais participativas e interativas. O trabalho em duplas e grupos ficou mais dinâmico e já não perdíamos tanto tempo na organização da sala de aula.

As relações interpessoais entre os alunos se estabeleceram de uma maneira mais amena e as discussões sobre as sanções em relação aos comportamentos inadequados começaram a ficar mais interessantes, pois os estudantes já usavam argumentos mais elaborados gerando a diminuição dos conflitos.

No início a posição dos alunos em relação às sanções utilizadas para punir os colegas que não cumpriam as regras era bem rígida. Os dados coletados através de um questionário dirigido aos alunos mostram que os mesmos sugeriam punições bem duras aos colegas que descumprissem alguma regra.

Uma das perguntas do questionário pedia a opinião dos estudantes sobre a melhor punição a um aluno que agredisse fisicamente um colega. Observei que a maior parte das crianças sugeriram punições que são até mesmo proibidas pela Secretaria de Educação, como, por exemplo, a suspensão das aulas e a expulsão.

Um dos alunos escreveu a seguinte resposta se referindo a punição que um colega que bate em outro deve sofrer: “expulsá-lo da escola, tirando dos pais e pondo no orfanato”.

À medida que as questões sobre as regras foram avançando comecei a perceber que o ambiente nas turmas começou a ficar mais propício a aprendizagem, na medida que eu não perdia mais tanto tempo resolvendo questões ligadas a brigas na sala, na maioria das vezes, causadas pela falta de diálogo sobre as questões disciplinares.

Em outro questionário respondido no final do ano letivo pelos alunos, a pergunta estava relacionada às mudanças sentidas por eles após a experiência do projeto. As respostas mostraram que a maioria das crianças dizia ter mudado de comportamento, principalmente em relação a organização do caderno, participação e atenção às aulas, realização das tarefas e no cumprimento das regras e combinados.

É interessante observar que algumas respostas dizem sobre as mudanças disciplinares:

- Mudou que agora que eu estou copiando tudo para ganhar azul antes eu não copiava ficava brincando e agora eu mudei;
- Mudou a inteligência e a sabedoria;
- Mudou a atenção;
- Mudei e voltei a fazer os exercícios;

- Comecei a levar as matérias mais a sério para levar uma nota boa; mudei bastante no comportamento, as atividades não ficaram incompletas e tirava dez em tudo;
- Comecei a me esforçar mais;
- Mudei muito porque eu fiquei mais obediente e parei de falar na sala;
- Tive que fazer as atividades e me esforçar para tirar dez na gincana avaliativa;
- Mudei o comportamento e estou copiando todas as matérias e quando a professora vai olhar está tudo lá.

As respostas dos alunos dessa escola são muito parecidas com a de tantas outras que eu já trabalhei com esse projeto. As mudanças são visíveis e dentro do período de um mês já é possível observar os resultados positivos que ela provoca nos estudantes.

É importante salientar que o papel do professor em relação ao cumprimento da rotina é fundamental. Em algumas escolas em que eu não consegui corrigir os cadernos às sextas-feiras e a registrar a pontuação semanalmente, me desorganizei e a disciplina dos alunos piorou. Essa situação gerava muitos desgastes porque o trabalho tinha que ser reiniciado, o que gerava certa desconfiança nos alunos. Acredito que é por essa razão que sempre que propus esse projeto para alguns professores estes o achavam interessante, porém não se disputam a fazê-lo. Somente uma professora, com quem trabalho na rede municipal de Betim, por exemplo, é que se dispôs a trabalhar junto comigo nas turmas do quinto na do segundo ciclo para as quais lecionamos no ano de 2013.

Achei interessante, portanto relatar aqui alguns trechos da entrevista que fiz com ela acerca dos aspectos que ela apontava como relevantes nesse projeto:

1. O que lhe chamou mais atenção em relação a proposta da gincana avaliativa?

R: A participação, o empenho e o estímulo diário que a gincana proporciona aos alunos através da premiação foram os pontos que mais me chamaram atenção.

2. Em sua opinião, como a gincana ajuda na dinâmica da sala de aula?

R: Sua dinâmica de pontuação semanal auxilia no comportamento e envolvimento dos alunos nas aulas. A participação dos alunos aumenta e nota-se até mesmo um desenvolvimento na aprendizagem.

3. Após o início do projeto já é possível perceber mudanças nas atitudes dos estudantes?

R: Sim, as mudanças são nítidas. Os estudantes são estimulados a melhorarem o comportamento e a realização das atividades propostas.

4. Você tem alguma crítica ou sugestão em relação ao trabalho da gincana avaliativa?

R: Percebo que a gincana é trabalhada de forma muito isolada. Não há envolvimento da escola como um todo. Creio que os resultados seriam mais surpreendentes se houvesse maior envolvimento, principalmente no momento da premiação.

Segundo Furlani (1987, p.44) a concepção de disciplina associada com alguma forma de organização da aula, com o autodomínio de professores e alunos, e a concepção de esforços do professor na gratificação ou “reforçamento positivo” para os alunos (o professor como facilitador dos desempenhos adequados dos alunos) demonstram como o professor entende a disciplina e as expectativas em relação a seu papel e ao do aluno.

Mas apesar do sucesso da gincana na mudança de comportamento e de a mesma auxiliar o trabalho com a disciplina das crianças, alguns alunos não demonstram tais mudanças. No caso da escola pesquisada com cinco alunos, em especial, a gincana não surtiu o efeito esperado. Esses alunos apresentavam, além dos problemas de disciplina, dificuldades de aprendizagem e não dominavam as capacidades ligadas à leitura e a escrita esperada para aquela fase do ciclo. Apesar de nenhum deles apresentar laudos médicos, a equipe pedagógica admitia perceber neles um comprometimento em relação à aprendizagem muito importante.

5. Reflexões teóricas

No princípio, quando comecei a buscar metodologias e projetos para trabalhar com a disciplina dos estudantes, não busquei embasamentos teóricos e nem realizei leituras sobre o assunto. Baseei-me na experiência como regente de sala de aula e na busca para amenizar os incômodos que sentia descritos na introdução desse trabalho.

Somente quando resolvi escrever sobre a experiência desse projeto e a partir das reflexões e discussões durante a orientação para esse trabalho é que me dei conta de que o mesmo está alicerçado em teóricos que apresentam em suas pesquisas aspectos que ajudam a embasar projetos relacionados a disciplina.

Na teoria de A Epistemologia Genética de Jean Piaget (1926, 1932, 1937, 1987), o autor apresentou importantes pesquisas no estudo da moral, que é definida por ele assim “Toda moral consiste num sistema de regras e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras” (PIAGET, 1994, p. 23).

Quando analiso a resposta dos alunos ao conjunto de regras estabelecido pela gincana percebo que, a medida que os mesmos vão internalizando-as e começam a respeitá-las sentem-se cada vez mais envolvidos com sua dinâmica adquirindo, ao longo do projeto, maior controle do seu desempenho.

No início do processo proposto pela gincana avaliativa percebo que os estudantes se encontram no primeiro estágio descrito por Piaget (1994) chamado anomia, ou seja, o aluno não tem ainda a consciência da regra e por isso cumpre-a num ritual motor e não como uma realidade que ele deva cumprir. À medida que a criança começa a adquirir consciência da regra ela passa para o segundo estágio denominado realismo moral, também conhecido como moral heterônoma. Nesse ponto, o aluno começa a cumprir e entender as regras morais, porém a cumpre, na maioria das vezes, pela pressão do adulto. O estudante cumpre os combinados para agradar o professor ou por medo das sanções que poderá sofrer se não os cumprirem. Então na fase heterônoma a regra é tida como bem rígida para a criança e deve ser obedecida sem questionamentos, pois qualquer modificação a ela pode significar uma transgressão.

É por essa razão que ao apresentar a gincana avaliativa para os alunos e propor que os mesmos modifiquem ou mesmo suprimam algumas regras impostas pela equipe gestora da escola, eles não veem necessidade de modificá-las e a princípio não dão importância a essa questão preocupando-se somente em cumpri-las, por não terem a consciência que as mesmas podem ser analisadas, discutidas e até mesmo questionadas.

Na medida em que vão se desenvolvendo, os alunos começam a refletir sobre o objetivo das regras e proibições, e passam a dar mais valor à justiça. A partir daí a criança passa a avaliar previamente a relação entre a regra, a proibição e a justiça passando para o terceiro estágio descrito por Piaget (1994) como Autonomia moral. Aí, o indivíduo pensa de forma autônoma, o sentimento de obrigatoriedade não se deve mais à pressão adulta e ao respeito unilateral, pois este sentimento é interior ao indivíduo, não depende de orientação externa. Piaget (1994, p. 34) aponta que neste estágio a criança deixa de considerar a regra como uma lei sagrada e entende que “a regra é criada como uma lei imposta pelo consentimento mútuo, cujo respeito é obrigatório, se deseja ser leal, permitindo-se, todavia, transformá-la à vontade, desde que haja o consenso geral”. De acordo com Piaget (1994), a criança desenvolve-se moralmente quando interioriza os valores sociais e as regras que antes eram externas a ela. Para pensar desta forma, o indivíduo deve ter compreensão do sistema de regras em que se está inserido.

Essa teoria vem de encontro com o que se propõem a gincana avaliativa que é justamente o desenvolvimento da autonomia. Faz parte de um dos objetivos desse projeto que os alunos cheguem ao ponto de realizar as atividades propostas e cumpram as regras e combinados em sala de aula, não somente pelos pontos e a premiação que podem vir a conseguir, mas que tomem consciência de que essas práticas são importantes para o desenvolvimento de suas potencialidades, através da mudança de comportamento tornando-se indivíduos cada dia mais disciplinados e autônomos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento dessa gincana avaliativa tive a oportunidade de refletir sobre os resultados desse projeto aplicado por mim desde 2005 em prol do trabalho com a disciplina dos alunos no ambiente da sala de aula. Através dela pude observar os resultados positivos e as consequências que essa prática pedagógica pode proporcionar ao cotidiano escolar.

Ao propor essa gincana de pontos e premiações busquei organizar a sala de aula e o trabalho com a disciplina dos estudantes. Após avaliar essa experiência senti a necessidade de valorizar essa prática como uma metodologia capaz de levar os alunos ao exercício da autonomia. Através das discussões e construções de regras e combinados foram criadas as oportunidades de proporcionar um ambiente escolar onde a aprendizagem pudesse fluir de forma mais eficaz e organizada.

O trabalho realizado indica que as questões disciplinares do cotidiano escolar são desafiadoras e esse projeto trabalha na tentativa de organizar o ambiente escolar de forma a estabelecer que o cumprimento das regras da gincana seja capaz de incentivar as mudanças necessárias em prol da aprendizagem que, de fato, se nota no final de todo processo.

A partir do momento que os estudantes percebem as mudanças no ambiente da sala de aula conseguem interagir melhor com as regras de forma a incorporá-las como necessárias para o bom desenvolvimento das relações interpessoais, tanto com os colegas, quanto com a equipe pedagógica.

Alguns alunos ainda apresentam dificuldades de cumprir o conjunto de regras e em participar de sua elaboração sem que sejam coagidos pelos adultos por ainda não se perceberem integrantes do grupo e, portanto, capazes de contribuir com suas ideias. No entanto, a maior parte dos estudantes passou a compreender, através da dinâmica da gincana avaliativa, que ao escolher enfrentar o desafio de alcançar os lugares mais altos da premiação tornam-se os maiores beneficiados, pois através do cumprimento das tarefas propostas e das regras discutidas, a aprendizagem se estabelece de forma mais satisfatória.

A visão dos estudantes em relação à posição do professor também mudou porque começaram a perceber que as regras podem ser propostas para que um coletivo as cumpra e como partícipe desse grupo está a pessoa do professor que

passa a agir como facilitador do processo.

Segundo Furlani (1987, p.48,49), os professores que se apresentam como facilitadores, valorizam os avanços do aluno ao invés das falhas, ou seja, o empenho do professor é voltado para a promoção da aprendizagem do aluno e não no sentido que este fez de errado. Os professores facilitadores privilegiam a cooperação, a confiança, o respeito e a autonomia do estudante como valores.

Como docente acredito que essa gincana avaliativa acaba facilitando o desenvolvimento da aprendizagem porque, ao promover um ambiente mais organizado e participativo, o planejamento começa a fluir com mais eficácia, pois o tempo começa a ser bem aproveitado. O fato de aproveitar melhor o tempo promove uma maior interação com o conhecimento passando a ser de fato uma construção.

Neste sentido, a gincana funciona como um ótimo instrumento de organização da dinâmica existente no cotidiano da sala de aula porque funciona como um importante passo no caminho para o processo de construção da autonomia, tão fundamental para o exercício da cidadania. Promover mudanças de comportamentos e atitudes através de processos educacionais transforma de forma mais concreta a sociedade da qual todos nós fazemos parte.

7 REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUERRA, L. B. O diálogo entre a neurociência e a educação: da euforia aos desafios e possibilidades. Revista Interlocução, v.4, n. 4, p. 3-12, publicação semestral, junho/2011.

PIAGET, J. (1994). O juízo moral na criança (E. Lenardon, Trad.). São Paulo, SP: Summus. (Original publicado em 1932). [Lincs]

FURLANI, Lúcia Maria Teixeira. Autoridade do Professor: meta, mito ou nada disso? São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988.

WHELAN, M. O desenvolvimento moral na idade evolutiva: um guia a Piaget e Kohlberg. São Paulo: Loyola, 1994.